

# A «Visão de Tundalo» no «Breve Sumário da História de Deus»

Marcado, talvez indirectamente, pelo apócrifo *Evangelho de Nicodemos* ou *Actas de Pilatos*<sup>1</sup>, o auto vicentino *Breve Sumário da História de Deus* revela, por outro lado, o conhecimento das fontes bíblicas e litúrgicas, entre elas o *Livro de Job* e os salmos e cânticos vulgarizados pelos *Livros de Horas*, sem esquecermos, também, um eco das ladainhas dos santos:

Deus cui proprium est miserere  
porque o seu próprio he perdoar<sup>2</sup>.

A par disto, convém apontar a presença duma lenda medieval, muito popular e de origem irlandesa, a *Visão de Tundalo*<sup>3</sup>. Com efeito, no auto acima dito, o génio dramático e densamente lírico de Gil Vicente foi capaz de fundir, em poucas palavras, os tormentos infernais a que Tundalo assistira na sua visão. E com a mesma força, resumiu as saudades, ao abandonar o Paraíso Terreal:

Oo como os ramos do nosso<sup>4</sup> pomar  
ficam cubertos de celestes rosas;  
oo doces verduras, oo fontes graciosas,  
quem nunca vos vira pera se lembrar<sup>5</sup>!

---

<sup>1</sup> *Los Evangelios Apócrifos*, ed. bilingue por Aurélio de Santos Otero (Madrid, 1956) pp. 483 e segs. (redacção latina da descida de Cristo aos infernos).

<sup>2</sup> Cf. as orações finais das *Litaniae Sanctorum*: «Deus, cui proprium est misereri semper et parcere»... Para os dois versos correspondentes de Gil Vicente e os que se lhe seguem, cf. *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (Lisboa, 1562) fl. 63 v.

<sup>3</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956) pp. 17-8.

<sup>4</sup> Na ed. de 1562 (que seguimos), está *vosso*, o que é erro evidente, como se conclui do contexto. Aliás, noutra edição quinhentista, lemos *nosso*. Cf. *Autos Portugueses de Gil Vicente y de la Escuela Vicentina* (Madrid, 1922), com introdução de Carolina Michaelis de Vasconcelos, logo no primeiro auto da colecção, com as páginas por numerar.

<sup>5</sup> *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (Lisboa, 1562), fl. 64.

Antes de tudo, vamos situar geograficamente, se nos permitem a expressão, os versos em torno dos tormentos infernais. S. João Baptista pede à Morte que o leve depressa, para anunciar a boa nova da salvação às almas do Limbo:

Leva me, morte, quero me yr daqui,  
que ja mostrey Christo a todos los vivos,  
yrey dar a nova a aquellos captivos,  
cujo captiveyro teraa cedo fim.

Entra S. João Baptista no Limbo e os encarcerados cantam alegremente um «romance» em castelhano, de que só transcrevemos as três primeiras estrofes, cheias duma beleza triste:

Bozes davan prisioneros,  
luengo tiempo estan llorando,  
en triste carcel escuro,  
padeciendo y sospirando.

Con palabras dolorosas  
sus prisiones quebrantando:  
*que es de ti, virgen y madre,*  
*que a ti estamos esperando?*

*Despierta el señor del mundo,*  
*no estemos más penando!*  
Oyendo sus bozes tristes,  
la virgen estava orando <sup>6</sup>.

Acabam as almas de cantar o «romance» e assistimos ao diálogo burlesco de Lúcifer com Satã. Temos de notar que, na hierarquia infernal, Lúcifer e Satã nem sempre coincidem. Alguns demonólogos fizeram de Lúcifer o tentador subtil do orgulho e de Satã o provocador da concupiscência. Neste caso, Gil Vicente mantém Lúcifer na sua posição antiga de rei dos Infernos. Por isso, pergunta ele a Satã, como o dono duma loja a um marçano madraço: — Que fazes? — Eu não faço nada, responde o outro ironicamente. Sou como um cão, «sem achar bonança».

Lúcifer garante que há lugar para todos. Por conseguinte, a ninguém se recusa «pousada», encha-se tudo de «almas humanas»! Encha-se o quê? Lúcifer explica-nos então a geografia subterrânea

---

<sup>6</sup> *Ib.*, fl. 71v. O sublinhado é da nossa responsabilidade.

dos Infernos e os lugares de tortura dos condenados, nos versos cujas origens vamos analisar. Nesses versos, por sinal, o poeta deixa a rima de lado, como se desejasse, acima de tudo, salvar a exactidão dos traços arrancados à *Visão de Tundalo*, embora à custa da musicalidade. Aliás, não há nos Infernos qualquer harmonia:

A fuma das trevas, ponte de navalhas,  
o lago dos prantos, a horta dos dragos,  
os tanques da yra, os lagos da neve <sup>7</sup>,  
os rios ardentes, sala dos tormentos,  
varandas das dores, cozinha de gritos,  
o açougue das pragas, a torre dos pingos,  
o valle das forcas, tudo isto arreo <sup>8</sup>.

É Lúcifer quem fala e as suas palavras revelam-nos, brutalmente, a concepção medievo-popular do Inferno, em que enraíza também a *Divina Comédia*: trevas, fogo e frio, ventania, chuva e neve, pontes, a Fossa Maldita e o gelado «imperador do doloroso reino», onde o demónio Cérbero, com garras e colmilhos, rasga as almas dos condenados <sup>9</sup>.

E agora, uma digressão necessária. Utilizando uma vasta bibliografia <sup>10</sup>, Howard Rollin Patch reuniu inúmeras visões infernais, desde o *Apocalipse de Sofonias* e a *Visão de S. Paulo* até à *Vida de S. Domingos de Silos*, de Gonçalo de Berceo <sup>11</sup>. Maria Rosa Lida de Malkiel, por sua vez, enriqueceu a obra com mais documentos literários da Península Ibérica <sup>12</sup>, colocando ao nosso alcance um estranho e útil repositório de narrativas e casos atinentes ao nosso estudo.

Drythelm, Baronto, Wenlock, Rotcário, Wettin, Bernoldo, Carlos o Gordo, Adamnan, Alberico, Owen (no *Purgatório de S. Patriçio*), Isabel de Schonau, Gunthelm, Thurkel — estes nomes e outros correram de boca em boca, unidos a viagens transmundanaes e a revelações do outro mundo, cuja veracidade pouco nos importa agora.

<sup>7</sup> No texto desta edição vem *nave*, o que não faz sentido claro, ao contrário de *neve*, conforme vem na edição fac-similada do folheto quinhentista, de que falámos acima. Aliás, vários editores modernos de Gil Vicente já corrigiram este ponto. Cf., por exemplo, GIL VICENTE, *Obras Completas*, t. 2 (Lisboa, 1942) p. 205. Prefácio e notas de Marques Braga.

<sup>8</sup> *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* (Lisboa, 1562) fl. 72.

<sup>9</sup> *Inferno*, III, 22-23, 79-93; V, 25-39; VI, 1-21; XXI, 1 e segs.; XVIII, 1-18; XXXIV, 22 e segs.

<sup>10</sup> HOWARD ROLLIN PATCH, *El otro mundo en la literatura medieval* (México-Buenos Aires, 1956) pp. 332-367.

<sup>11</sup> *Ib.*, pp. 92-141.

<sup>12</sup> *Ib.*, pp. 371 e segs.

Fogo, vales tenebrosos, lagos malditos, muralhas espessas, caminhos apertados e perigosos, demónios sem misericórdia, almas atormentadas e, com certa frequência, a ponte das almas<sup>13</sup>, tudo ali vemos.

Porém, nenhuma das narrativas apontadas por H. R. Patch e M. R. Lida de Malkiel reúne um conjunto de pormenores igual ao de Gil Vicente, afora a *Visão de Tundalo*<sup>14</sup>.

Contada em irlandês do séc. XII e logo posta em latim, a *Visão de Tundalo* ficou inserta no *Chronicon* do monge Heliando<sup>15</sup> e depois, já no séc. XIII, entrou no *Speculum Historiale*<sup>16</sup> de Vicente de Beauvais.

Duas vezes traduzida em medievo-português<sup>17</sup>, seguimos o texto duma dessas versões, sem esquecer a outra e, ainda menos, a narrativa em latim. Desta forma, desvendaremos a fonte dos versos de Gil Vicente, pois não é crível que ele andasse a respigar tais pormenores de várias e dispersas visões, podendo facilmente descobrir, numa só, tudo o que nos conta do Inferno.

A narrativa de Tundalo encontra-se resumida, com efeito, nos versos livres de Gil Vicente e, para melhor o verificarmos, vamos pôr em relevo determinados elementos da sobredita visão.

A alma de Tundalo saiu do corpo, sem por então conseguir voltar a ele. Cercada por demónios e em grande desamparo, viu aproximar-se um anjo, como uma estrela clara, e meteram-se ambos a caminho.

Chegaram primeiro a um vale tenebroso e fundo, coberto por uma chapa de ferro em brasa. Ali se queimavam e ferviam as almas. E como a cera derretida atravessa um pano, assim elas atravessavam a chapa de sete côvados de grossura e caíam sobre carvões acesos.

<sup>13</sup> *Ib.*, pp. 16-19, 35, 43, 58, 60, 61, 68, 72, 75, 76, 82, 83, 89-141, 164, 195, etc. Cf. índice analítico. Para o *Purgatório de S. Patrício*, a passagem da ponte das almas pode ver-se em *PL* 180, 995-996. Cf. também, no *Flos Sanctorum* de 1513, fl. 53, na vida de S. Patrício: «E quando se avia de tornar vio huũa ponte muy estreya e aguda como cutello e, per sob ella, corria huũ grande rio».

<sup>14</sup> Para bibliografia da *Visão de Tundalo*, cf. HOWARD ROLLIN PATCH, *op. cit.*, pp. 121-122, nas notas; BOSSUAT, *Manuel Bibliographique de la Littérature Française du Moyen Age*, (Melun, 1951), n.ºs 3394, 3395; etc.

<sup>15</sup> *PL* 212, 1038-1055 (no livro 48, ano 1149).

<sup>16</sup> VICENTE DE BEAUVAIS, *Speculum Historiale*, livro 28, caps. 88-104.

<sup>17</sup> Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 211, fls. 90v.-104v; Torre do Tombo, cód. alc. CCLXVI, fls. 155-169v. A primeira destas versões (e que nós seguiremos de preferência) foi publicada por F. M. Esteves Pereira na «Revista Lusitana» t. 3 (Porto, 1895) pp. 101-120. A segunda, imprimiu-a J. J. Nunes, *ib.*, t. 8 (Lisboa, 1903-1905) pp. 249-262.

Subiram também a um grande monte, ao longo dum caminho estreito e mau. Olharam. Nos dois lados, os demónios, com forquilhas, atiravam as almas ora para o fogo, ora para a água e a neve, à maneira de quem baldeia dum tanque para outro.

Em certo vale, tão escuro que nada ali se enxergava, escutaram o marulhar dum rio de fogo, de que se erguia enorme fumarada. E sobre o rio amaldiçoado, estendia-se uma tábua de bem mil passos de comprimento e um pé de largura, que não mais. As almas caíam no rio, afora um romeiro que seguia muito seguro, sobre a ponte, com a esclavina vestida e o ramo de palmeira na mão<sup>18</sup>.

Tundalo e o anjo meteram por um caminho tortuoso e sem luz, encontrando um animal feroz e maior do que todos os montes já vistos. Vomitava chamas pela boca desmesurada e comia os condenados. E ouviam-se os gritos e prantos doridos das almas que dentro jaziam na besta<sup>19</sup>.

Sobre um mar fervente, povoado por *bestas muitas e muy feas*, alongava-se uma estreita ponte de dez mil côvados<sup>20</sup>, *fecta dhuma tavao que toda era chea de clavos agudos*<sup>21</sup>. Então, os pés de Tundalo ficaram chagados e sem poder andar.

Deram também com uma casa redonda, a lembrar um forno aceso. À porta, uma multidão de diabos *en semelhança de carniceyros que tynham segures e cuytelos nas mãos pera esfolar e desfazer en quartos e en postas* as almas dos condenados. Também Tundalo teve de entrar na casa em forma de forno, com os demoníacos açougueiros à entrada, e ali sofreu dores sem conto<sup>22</sup>.

«O senhor daquela casa, diz o latim, chamava-se Phistrinus. E na casa havia gemidos, tristeza, choro e ranger de dentes, fogo lento por fora e, lá dentro, um grande incêndio. Ali, era insaciável a vontade de comer»<sup>23</sup>.

Tundalo e o anjo continuaram a percorrer aquela terra de angústia e descobriram uma *besta* diferente de todas as demais: dois pés, duas asas imensas e fumo a sair-lhe da boca. E «ela stava sobre huun lago muy grande, que parecia que era qualhado con geada

<sup>18</sup> *Visão de Tundalo*, em «Revista Lusitana» t. 3 (Porto, 1895) pp. 102-104.

<sup>19</sup> *Ib.*, p. 104.

<sup>20</sup> Na outra versão, *dous mil covodos*. Cf. «Revista Lusitana» t. 8 (Lisboa, 1903-1905) p. 252. No latim (PL 212, 1042): «Per latum stagni pons multum augustus erat et longus usque ad duo millia».

<sup>21</sup> *Visão de Tundalo*, em «Revista Lusitana» t. 3 (Porto, 1895) p. 105.

<sup>22</sup> *Ib.*, pp. 106-107. O termo *segures* equivale a machados.

<sup>23</sup> PL 212, 1044.

grande»<sup>24</sup>. Ou, como vem no latim: «Sedebat autem haec bestia super stagnum glacie condensum»<sup>25</sup>.

O monstro devorava as almas e dava-as outra vez à luz, no lago gelado. Ali, homens e mulheres pariam *serpentes* que a todos mordiam. E os brados e queixas escutavam-se ao longe<sup>26</sup>.

A *besta* devorou a alma viandante de Tundalo e ela caiu, depois, no lago de gelo. Partiram e a escuridão aumentava enquanto eles desciam pela encosta abaixo, como se caíssem dum *alto muro*. Muito afastado, afundava-se um vale, *no qual estavam muytas forjas de ferro, e ouvirom dentro muytos braados e muitos choros*<sup>27</sup>.

Falando um com o outro, o anjo e Tundalo chegaram a um sítio, de trevas ainda mais espessas, onde saía fogo dum *poço muy grande*<sup>28</sup>. Era uma fossa ou cova à maneira duma cisterna quadrangular: «Circunspiciens ergo, si quomodo videre posset unde venerat, vidit fossam quadratam et quadrangulam quasi cisternam»<sup>29</sup>.

Foi então que o guia celeste mostrou a Tundalo o Príncipe das Trevas e as profundezas do Inferno, onde não brilhava nenhuma luz. E Lúcifer estendia as mãos poderosas e espremia as almas *assy como homem aperta o bago das huvas*<sup>30</sup>, devorando-as a seguir.

Naquele abismo, jaziam os condenados, na companhia de Lúcifer, fonte das trevas. Erguia-se do poço um cheiro insuportável e Tundalo suplicou ao guia que o levasse daquele sítio para longe<sup>31</sup>.

As almas do Purgatório, atormentadas pela chuva e pelo vento, esfomeadas e a tiritar de frio, as pradarias e as moradas celestes, o banquete maravilhoso, com bela música e pichéis de marfim, e o retorno da alma de Tundalo ao corpo inerme<sup>32</sup>, nada disto interessa ao nosso caso.

Recapitulemos agora as passagens apontadas na *Visão de Tundalo* e talvez não tenhamos dificuldade em concluir que Gil Vicente, em sete versos, sintetizou, com poética liberdade, a geografia e os tormentos do Inferno tundalesco, se nos permitem o adjectivo.

O *poço muy grande* de Lúcifer, onde nenhuma luz brilhava, eis a fuma das trevas. Na estreita ponte, feita duma prancha longuíssima,

<sup>24</sup> *Visão de Tundalo*, em «Revista Lusitana», t. 3 (Porto, 1895) pp. 107-108.

<sup>25</sup> *PL* 212, 1045.

<sup>26</sup> *Visão de Tundalo*, em «Revista Lusitana», t. 3 (Porto, 1895) pp. 107-108.

<sup>27</sup> *Ib.*, pp. 108-109.

<sup>28</sup> *Ib.*, pp. 109-110.

<sup>29</sup> *PL* 212, 1047.

<sup>30</sup> *Visão de Tundalo*, em «Revista Lusitana» t. 3 (Porto, 1895) p. 111.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> *Ib.*, pp. 111-120.

toda cheia de *clavos agudos*, temos a ponte das *navalhas*, de Gil Vicente, pois o termo significava pontas agudas e cortantes, como na roda de S. Catarina.

O *lago dos prantos* e a horta dos dragões (ou *horta dos dragos*) é a grande lagoa gelada, onde as almas choravam e as serpentes nasciam como tortulhos num campo. E lembramos que, na Idade Média e muito depois, dragão equivalia a serpe ou serpente monstruosa.

O grande fogo, a uma lado da montanha dolorosa, a água fria e a neve, no outro, e o *mar* fervente, atravessado pela primeira ponte, eis os tanques da ira (e mais poderíamos apontar).

Num deles, as almas caíam na neve<sup>33</sup>. E já falámos doutro, a propósito da horta dos dragões — o *lago muy grande, que parecia que era qualhado con geada grande*<sup>34</sup>. Temos, assim, os *lagos da neve*, nomeados por Gil Vicente.

Quanto aos rios ardentes, vem um deles no começo da *Visão de Tundalo*. Sobre ele se estendia a ponte das almas.

Na casa redonda, em forma de forno, com demónios esquadrejadores e vorazes à porta, armados de cutelos e machados, à maneira de açougueiros ou *carniceyros*, ressoavam os prantos, o ranger de dentes e os gemidos dos que dentro estavam. É isto a *sala de tormentos*, a *cozinha de gritos* e o *açougue das pragas* do *Breve Sumário da História de Deus*.

Porém, quantas mais salas de tormentos descobrimos, se quisermos dar a tal expressão um sentido mais lato! Nelas sofriam as almas, comidas por monstruosos espíritos, marteladas por demónios e espremidas por Lúcifer.

E as *varandas das dores*? Significam elas, parece-nos, lugares altos, onde alguém sofre ou donde se contempla a dor dos outros. No caso presente, devem ser o monte de *gram tormento e temor*, onde subiram Tundalo e o anjo, batidos pelo vento e pelo frio. E dali contemplaram as almas baldeadas do frio para o calor e do calor para o frio<sup>35</sup>. Ou então, os lugares altos<sup>36</sup>, donde desciam para os vales tormentosos em que sofriam os condenados.

Falta ainda a *torre dos pingos* e o *valle das forcas*. Torre, na linguagem arcaica, também significava cárcere. Ora, com este sentido, temos o vale escuro, chapeado de ferro em brasa, onde as

<sup>33</sup> *Ib.*, p. 103.

<sup>34</sup> *Ib.*, p. 108.

<sup>35</sup> *Ib.*, p. 103.

<sup>36</sup> *Ib.*, pp. 108-109.

almas se derretiam e, trespassando a cobertura, caíam sobre os carvões. Será esta a torre dos pingos? Não estamos bem certos. Mas há outra boa hipótese: a furna em que Lúcifer aprisiona os condenados, espremendo as almas como os bagos dum cacho de uvas<sup>37</sup>. Nenhuma dificuldade em descobrir, aqui, a *torre dos pingos* de Gil Vicente, pois este vertia poeticamente a descrição do Inferno e podia modificá-la. Além disso, nada o impedia de voltar mais duma vez à mesma realidade e chamar, por exemplo, à sobredita furna, primeiramente furna das trevas e depois torre dos pingos, pois era ambas as coisas.

Resta o *valle das forcas*. E aqui, esbarramos numa dificuldade, porque a *Visão de Tundalo* traz vale das forjas e não vale das forcas.

No entanto, acentuamos de novo que o texto das obras impressas de Gil Vicente não oferece, por vezes, muita segurança. Basta notar que, na edição quinhentista, fac-similada nos *Autos Portugueses de Gil Vicente y de la Escuela Vicentina*, vem *vale das forças*. E porque não teriam os copistas dos manuscritos ou os tipógrafos trocado, inadvertidamente, o *j* por um *c* ou um *ç*?

Dando tudo certo, até agora, é bem possível que, na edição de 1562, das obras de Gil Vicente, tenham transformado *valle das forjas* em *valle das forcas*, talvez sem darem por isso ou por julgarem *forjas* um erro de escrita. Simples questão duma letra.

Em qualquer caso, é tal o conjunto de coincidências convergentes, entre a sobredita passagem do *Breve Sumário da História de Deus* e a *Visão de Tundalo*, que nos inclinamos para atribuir a ligeira discrepância final a erro de impressão ou à má leitura do original. Também poderia ser uma guinada de Gil Vicente, a desviar-se, neste único ponto, da *Visão de Tundalo*. Mas parece-nos menos provável.

Contudo, mesmo na hipótese de estar certa a frase *valle das forcas*, temos de admitir que a fonte maciça da descrição vicentina do Inferno continua a ser, em substância, a *Visão de Tundalo*. Um pormenor não destrói o conjunto — sobretudo um pormenor talvez inconsistente.

MÁRIO MARTINS

---

<sup>37</sup> *Ib.* pp. 110-111.